



Projeções da Geração 68 na minissérie *Queridos Amigos*¹ Uma antropológica da comunicação afetiva

Cláudio Cardoso de Paiva²

Resumo

Apreciamos a minissérie *Queridos Amigos* (Maria Adelaide Amaral, 2008), um retrato da Geração 68, que sobreviveu à ditadura militar e fez a revolução cultural nos anos 70, até o fim dos *yuppies* anos 80. É uma narrativa em que se instalam os personagens inconformistas, alguns deles exilados políticos de retorno ao país, em 1979, que se reencontram em 1989, ano das eleições diretas para Presidente da República e queda do muro de Berlim. A minissérie coincide com a efeméride mundial do ano 1968, na literatura, jornalismo, cinema, televisão, e mostra a passagem das utopias sociais ao individualismo e às estratégias de sobrevivência nos anos 80. Amaral projeta uma história recente do país, lançando luzes sobre a nossa complexidade política, sociocultural, e numa dimensão poética e filosófica forja molduras sensíveis para contemplarmos a passagem do tempo, o enigma da morte e o sentido da fraternidade.

Palavras-chave: Televisão; Minissérie; Geração 68; Ética; Política;

1. Introdução

As minisséries distinguem-se das telenovelas pelo seu caráter de obra fechada e pelo formato em curta duração, permitindo uma condensação narrativa ágil, que informa, atualiza e instiga a imaginação coletiva. Resultam de um trabalho mais elaborado, em que os autores, diretores e intérpretes têm tempo de refletir, ensaiar e refinar uma discussão das temáticas sociais complexas, além de focalizarem as relações da ficção com a história, a sociedade, a ética e a política.

Queridos Amigos, como as minisséries anteriores de Maria Adelaide Amaral - *A muralha*, *Os Maias*, *A casa das sete mulheres*, *Um só coração* e *JK* - sinaliza uma outra maneira de se escrever a história. Consiste numa imaginação estética e social, em que concorrem as evidências documentais e diferentes modos de oralidade, visualidade e textualidade, revelados pela potência dos audiovisuais. A minissérie cobre uma década da história (1979-1989), a rigor, os anos 80, mostrando a geração-68 (também chamada “Geração AI-5”), que enfrentou a ditadura militar, vivenciou a utopia das

¹ Trabalho apresentado na NP Jornalismo, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Prof. Associado, Departamento de Comunicação; PPGCOM/UFPB;
Email: claudiocpaiva@yahoo.com.br



transformações sociais, difundiu a contracultura e contribuiu para as mudanças na mentalidade, linguagem e comportamento de vastos segmentos da sociedade brasileira.

Queridos Amigos se passa no final dos anos 80, um período bastante turbulento no Brasil e no mundo, com a perda das referências das esquerdas e a expansão do individualismo. A trama mostra um grupo de amigos separados em função das relações amorosas, da política, de mágoas e ressentimentos mal resolvidos. Léo, Lena, Pedro, Ivan, Lúcia, Pingo, Tito, Bia, Benny formavam um grupo que se conheceu na década de 70, em plena ditadura militar. Nos colégios, faculdades e trabalho por que passaram, os amigos estabeleceram uma amizade profunda, a ponto de se referirem ao grupo com a família. Separados ao longo do tempo, o grupo havia se reunido pela última vez no reveillon de 1980. Em novembro de 1989, Léo, que havia registrado em vídeo o último encontro do grupo, toma a iniciativa de reuni-lo novamente. A idéia surgiu de um sonho enigmático em que ele bate com o carro e mergulha para a morte nas águas de uma represa. Detalhe com que Léo não contava, no entanto, é que os amigos tinham seguido caminhos tão diferentes. Ele mesmo, formado em arquitetura, preferiu trabalhar com cinema e publicidade. Bia, também arquiteta, hoje sobrevive lendo a sorte nas cartas. Pedro, que foi um escritor de sucesso, vive atormentado pela culpa que julga ter pela morte da esposa. Ivan é jornalista e chegou a ser preso no período de repressão. Lena, outra integrante do grupo, é uma bela mulher que viveu um caso amoroso com Ivan, mas, para sua decepção, ele continuou casado. Lúcia agora é uma psicoterapeuta de sucesso. Pingo é professor universitário. Tito, também jornalista, mantém convicções políticas de esquerda e Benny é homossexual e bem sucedido dono de editora.

In: Xavier (2008)

Enredada nas malhas da história, esta obra de ficção retrata um momento em que o espaço público já encontrava irradiado pelos efeitos da globalização, atravessado pela lógica da velocidade e fragilização dos laços sociais.

Uma minissérie de 25 capítulos exigiria espaço e tempo para uma análise mais detida; assim, estrategicamente, mapeamos alguns eixos temáticos que estruturam a narrativa, percebendo como ali se projetam os personagens e as situações, numa obra que leva a uma reflexão dos afetos, da ética e da sociabilidade.

Para discutir a minissérie, capturamos no site de vídeos *YouTube* um conjunto de cenas pertinentes para contemplarmos este “retrato de época”, contendo diálogos, gestos, discursos, que - de certo modo - nos dão a conhecer alguns matizes da formação sociocultural brasileira contemporânea. E a partir de leituras nos campos da antropologia, sociologia, psicologia e história, fazendo interface no campo da comunicação, buscamos elementos para decifrar o seu sentido estético e social.

Na história da teoria da teledramaturgia, particularmente das minisséries, encontramos refinados e cuidadosos olhares sobre a sua história e produção, as formas



de recepção, a potência das mediações, as relações com a literatura e a sociedade, o seu lugar no mercado internacional, as incursões do mundo da ética, política e vida cultural³. Neste trabalho, optamos por uma metodologia compreensiva e disposta a espreitar as dimensões objetivas do social na subjetividade da ficção histórica, e ao mesmo tempo, discernir as dimensões subjetivas da história na objetivação de um texto que busca decifrar o sentido de uma época. Contemplamos a simbiose entre os seres ficcionais projetados nas telas e os seres humanos dispersos na realidade cotidiana, o que nos situa nos domínios de uma “antropológica da comunicação audiovisual”.

2. Complexidades na interface do individual e o coletivo

O protagonista da minissérie *Queridos Amigos*, interpretado por Dan Stulbach, é inspirado no jornalista Décio Bar, amigo da autora, que se suicidou em 1991. Sendo um empresário bem sucedido no mercado do cinema e também mágico amador, é um ser humano em preparação para a morte e busca fazer dessa experiência uma obra de arte. Leo empenha-se no resgate da atenção do filho e dos amigos do passado, principalmente através do exercício do saber-ouvir, da compaixão e solidariedade. E alerta os companheiros a despertarem para as formas possíveis de realização de seus desejos, instigando-lhes a coragem de ver o que pode ser mudado para melhor em suas vidas.

O ritual de solidariedade experimentado pelos personagens expressa a modalidade de um *ethos* agregador, uma consciência trágica iluminada pelo sentimento de pertencer a uma comunidade. Um modo de existência que ganha significado a partir de uma comunicação permanentemente irrigada pelos fluidos afetivos, superando as vaidades, os egoísmos e narcisismos exacerbados.

Como no curto ensaio de Montaigne, *Da amizade* (1980), em memória do filósofo amigo Étienne de la Boétie, a narrativa encarna a idéia da verdadeira comunicação que se realiza por meio da amizade, e como veremos, esta experiência não se perfaz sem obstáculos devido às limitações do ego inflado e das idiossincrasias humanas.

A partir desse *ethos* agregador a minissérie propicia a instauração de um certo desconforto na audiência norteada pelos valores da sociedade de consumo, caracterizada

³ Cf. Lobo (2002); Balogh (2005); Paiva (2005); Ribeiro (2005); Lopes (2004); Malcher, M.A.; Vidal, M.C.B.; Motter, M.L. (2005); Fechine (2003).



pela índole narcisista⁴, exigüidade dos contatos humanos, amizades líquidas, velocidade e virtualidade das relações inter-pessoais. *Queridos Amigos* resgata a memória histórica do nosso passado recente, contemplando o mal-estar e o sonho de felicidade da geração-68, projetados nos anos 80, e tudo isso sem deixar de iluminar as arestas para uma reflexão sobre direitos humanos e justiça social.

A repetida exibição de uma velha fotografia dos amigos reunidos no passado constitui um ícone importante na narrativa, que enfatiza essa expressão dos laços afetivos e sociais; assim como o registro em vídeo das imagens do retorno dos exilados, que se justapõem às imagens e depoimentos de Fernando Gabeira, Dante de Oliveira, Miguel Arraes, Betinho, Henfil, entre outros.

É uma ficção subversiva, pois “remando contra a maré” num contexto audiovisual marcado pela exibição e reforço das vaidades, culto das celebridades, espetacularização do real e hipertrofia da violência urbana, lança um olhar realista e poético sobre os regimes de afetividade e sociabilidade na paisagem nublada do “breve século XX”.

3. Do livro às telas, os itinerários da Geração 68

Relembrando os dramas pessoais, sociais e políticos dos personagens reais que participaram do seu itinerário existencial, na segunda metade do século XX, a escritora Maria Adelaide Amaral fez um roteiro instigante: a minissérie *Queridos Amigos*, adaptada do seu próprio livro (*Aos meus amigos*, 1992), ganhou vigor e profundidade na direção geral de Denise Saraceni.

A trama consiste numa teia semiótica vigorosa que traduz as modalidades dos vínculos e a aproximação das fronteiras entre as pessoas. E revela com destreza e sensibilidade os aspectos psicológicos e sociais de uma geração que rompeu com os valores morais e políticos de seus predecessores, antecipando um outro repertório de referências éticas, políticas e existenciais para as gerações seguintes.

Mergulhando nas camadas históricas e sentimentais do social, a minissérie projeta as afinidades e divergências, as cumplicidades e rivalidades entre os indivíduos que participam de um espírito comum, de família, de comunidade, sem deixar de apresentar suas gritantes particularidades. Podemos entrever o perfil de parte da

⁴ Conviria relembrar - nessa direção - os estudos de Lasch, *A cultura do narcisismo* (1983), Costa, *Narcisismo em tempos sombrios* (2004) e Muniz Sodré, *Máquina de Narciso* (1984), olhares pertinentes para uma exploração dos estados narcisistas da sociedade contemporânea, enfrentados por Adelaide Amaral pelo prisma da fraternidade.



geração-68, na pele dos personagens da minissérie, no modo como interagem na vida em família, no campo dos afetos e das relações conjugais, nas atividades da vida pública, e na maneira como enfrentam o abismo das desigualdades socioeconômicas.

No trajeto de dez anos foram hippies, professores, jornalistas, empresários, astrólogos, médicos, escritores, psicólogos, donas de casa. As suas visões de mundo e experiências pessoais expressam diversidades fundamentais, mas que não os impede de formarem conjunções afetivas e encontrarem aí uma elevação na qualidade da vida psíquica e social. Tudo muda a partir do reencontro com Léo, que vivenciando a experiência extrema de proximidade com a morte, adquire uma consciência profunda e serenidade diante da finitude, e deseja partilhar tudo isso com os amigos.

A minissérie resgata lembranças dos que vivenciarem os anos rebeldes e atravessaram os anos *youppies*, a guerra fria, passando por Reagan, Thatcher, Bush, Nova República, Plano Cruzado até a disputa presidencial entre Collor e Lula. Contempla uma geração que conheceu a hiperinflação, a irrupção da AIDS e o narcotráfico, chegando aos “anos líquidos” da modernização industrial-tecnológica e da globalização. É neste contexto que percebemos a transformação no regime dos afetos, das identidades e o empenho na construção de novos modos de subjetividade e sociabilidade; tudo isso transparece no relato cuidadoso de Maria Adelaide Amaral.

Relembramos, em tempo como o pensador Edgar Morin (2008) fala sobre a importância de se recuperar a experiência do dom, da doação, algo ausente no repertório dos valores contemporâneos, em que as trocas afetivas equivalem às trocas monetárias. Esta atitude de doação preside o sentido da narrativa de *Queridos Amigos*; a doação do personagem Léo, como metáfora, é um fermento para a solidez das bases éticas fundamentais, dos vínculos afetivos e sociais mais elementares.

4. Trilha sonora, educação estética e sentimental

No percurso da teledramaturgia nacional têm-se projetado imagens, textos e sons reveladores da história recente da vida social e política brasileira. E por essa via, a minissérie *Queridos Amigos* nos refina os sentidos para entendermos uma experiência afetiva e social como a nossa, resultado de uma sensibilidade cultural híbrida, que se traduz claramente sob a forma da musicalidade. Cumpre observar, as trilhas sonoras têm atuado nas minisséries revigorando a memória e a percepção sensível do social, elevando a auto-estima, promovendo a catarse e a liberação do imaginário coletivo.



A minissérie ativa uma camada de significação marcante na construção da narrativa através da poética musical de Milton Nascimento, Chico Buarque, Elis Regina, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Rita Lee, Cazuza, Blitz, as Frenéticas e outros artistas que animaram o cotidiano nacional durante os dez anos em que se passa a série. Isto é fundamental, primeiramente porque resgata a memória histórica e social, depois porque irradia uma consciência estética, aglutinando os afetos, as sensações e os sentimentos que asseguram o arrebatamento e o espírito de comunhão, ou seja, propicia o acesso a uma dimensão superior de educação estética, sensorial, cognitiva.

Como expressões da grande arte, as canções que compõem a trilha musical desta minissérie funcionam de maneira catártica, porque atualizam e revitalizam os corações veteranos, e porque dialogam efetivamente com as novas gerações, falando do amor, da solidão, dos encontros, separações, frustrações e grandes conquistas humanas.

Pode-se dizer que a sonoridade de *Queridos Amigos* promove uma sinergia universal que transcende às épocas, resgatando os acordes melódicos de artistas como Eric Clapton, Queen, Janis Joplin, Rolling Stones, entre os donos de outras vozes, cantos e ritmos que sintetizam as emoções das gerações ocidentais dos anos 70 e 80; hoje, já clássicas no imaginário coletivo, as suas canções revigoram o sonho de liberdade, o desejo de transcendência e a vontade de transformação.

5. O super-homem e a alegoria da liberdade

As cenas do retorno dos amigos do exílio político e a imagem no retrato destes amigos em confraternização, durante “os anos de chumbo” são iconicidades grandiosas que remetem às utopias e ao engajamento, mas traduzem, sobretudo, o espírito coletivo, um legado importante da geração-68. Entretanto, pelo prisma de uma semiose ético-política, certamente, a cena mais arrebatadora reside no modo como as vítimas da repressão e tortura se reúnem para enfrentar um de seus algozes.

Numa abstração filosófica, recorrendo ao Nietzsche autor de *O crepúsculo dos ídolos* (1983), encontramos *insights* pertinentes para interpretarmos os afetos regressivos como a vontade de vingança, frutos do ressentimento, paixões inferiores, sentimentos de escravo. Para o “super-homem” (de Nietzsche) norteado pelos valores afirmativos e superiores, faz-se necessário exorcizar as paixões inferiores e transcender o “eterno retorno do reprimido”. A minissérie nos faz entender a ética da vingança e a vontade de linchamento público como inferiores, características da moral do rebanho, como expressão da fraqueza, do recalque, sintoma de uma cultura do ressentimento.



Na narrativa há um claro matiz de dignidade na maneira como Iraci (Fernanda Montenegro), mãe de Bia (traumatizada pela tortura) e os seus amigos enfrentam o carrasco (Nenê/Nelson Diniz). Solidários, participam do encontro com o torturador, com altivez, indignação e revolta, mas agem de maneira contrária à moral dominante, que clama pela justiça do “olho por olho, dente por dente”. De modo inteligente e sensível, Maria Adelaide Amaral toca na ferida aberta da sociedade brasileira contemporânea, minada pela violência, falência do espaço público e fragilidade das instituições; a filosofia subjacente à trama é nobre pela maneira como nos situa - leitores, espectadores, cidadãos - diante do mal.

Como na grande arte da literatura, do teatro, do cinema, a minissérie fustiga as dobras da alma humana, instiga a superarmos o sentimento da falta, a dor da perda, as frustrações, mas, sobretudo, a enfrentar o medo, as situações de ultraje e aviltamento, e nessa perspectiva nos atira numa outra esfera do *acontecimento*, outra dimensão ética e moral, pois faz nos identificarmos com os “amigos”, quando um deles está morrendo e assim nos alerta para a difícil arte de se cultivar amizades sólidas e duradouras, numa época de valores líquidos, e esta talvez seja uma das suas maiores subversões.

6. Os indivíduos, as tribos e as revoluções moleculares

A minissérie é contundente na medida em que se desloca transversalmente do discurso político formal, engajado, institucional, para a dimensão propriamente ético-política da existência. Focalizando as expressões da “micropolítica” (Foucault) e das “revoluções moleculares” (Guattari), mostra o avanço da luta pela democracia (nos anos 70) incorporando a luta pela cidadania (nos anos 80), mostra também a passagem da revolução dos costumes à batalha pelo estabelecimento dos direitos humanos. Em consonância com essa filosofia política da subjetividade, tão bem expressa na obra de Foucault, Maria Adelaide Amaral apresenta um feixe de linhas evolutivas no estilo de pensamento, nas maneiras de falar e agir de ambos os gêneros, sobretudo das mulheres que têm virado do avesso as arcaicas estruturas patriarcais⁵. E mostra ainda a afirmação das minorias ideológicas, incluindo os gays e os transexuais, empenhados na conquista da cidadania com base justamente nos direitos humanos e nas liberdades individuais.

O desmantelamento das identidades e sociedades tradicionais e a configuração das identificações e subjetividades na nova cartografia social planetária é algo percebido

⁵ Este, aliás, é um tema freqüente nas minisséries, conforme podemos perceber assistindo, por exemplo, ao *Memorial de Maria Moura*, *Chiquinha Gonzaga*, *Hilda Furacão*, *A Casa das Sete Mulheres*, entre outras.



por estetas e escritores como Hocquenghem & Schérer (1986), enquanto irradiações da “alma atômica”, fragmentações resultantes do próprio estágio psicológico, social, político e ecológico do mundo em que vivemos. Num outro registro, autores como Guattari & Rolnik (1987), fazendo as “cartografias do desejo” das gerações pós-68, além de Foucault (1979), decifram os agenciamentos micropolíticos das minorias ideológicas e explicam o significado das “revoluções moleculares”. É por aí que podemos interpretar a linguagem e a conduta dos personagens de ficção, entendendo que mimetizam e - ao mesmo tempo - atualizam os pensamentos, discursos e atitudes dos personagens reais, nos interstícios dos anos 70 e 80.

Na trama, Lena (Débora Bloch) fora obrigada a abandonar o marido Pingo (Joelson Medeiros) e a filha Marina devido ao caso amoroso com Ivan (Luis Carlos Vasconcelos), casado e sem coragem de deixar a esposa; mas posteriormente ela descobriria os casos secretos homossexuais do marido que, em acordo com sua própria mãe, a afastara de sua filha; depois, Lena vai querer reconquistar a filha e seu desafio será conciliar este objetivo com a relação amorosa que mantém com Ivan.

Rachel (Maria Luiza Mendonça) dá a volta por cima após a traição do marido, “se joga na estrada” para ser empresária de uma banda de rock e se torna a namorada do vocalista, numa atitude que remete ao imaginário pop dos “loucos” anos 60/70. Logo, a minissérie remonta o espírito comum vigente na segunda metade do século XX, resgatando as imagens do psicodelismo, dos hippies e da cultura alternativa; refazem-se assim, a ambiência, o vestuário, a gíria, os cultos esotéricos, o naturalismo e a poética das canções que relembram a sensibilidade musical da “era de aquarius”.

Tito (Mateus Nachtergaele) encarna o clichê do chamado personagem “bicho-grilo”, um anacrônico revolucionário pós-68 que, em meio à crise econômica, mesmo sendo um jornalista reputado, é obrigado a prestar seus serviços numa revista pornô. Sofre amargamente a ausência da esposa Vânia (Drica Moraes) e dos filhos, que agora formam uma nova família com o padrasto Fernando (Tato Gabus), um *youppie*, executivo bem sucedido, que cobre as crianças de mimos e presentes. Vânia, por sua vez, tenta reconciliar os opostos, enquanto se dedica ao trabalho filantrópico numa ONG, preservando o *ethos* de solidariedade que marcou grande parte de sua geração.

Pedro (Bruno Garcia) se tornou depressivo, pois se sente responsável pela morte da esposa num acidente automobilístico; fora um escritor de sucesso, com livros publicados em vários países, sendo custeado por Benny, que o assedia em vão, mas agora vive de “fazer bicos” e sobrevive graças à ajuda dos amigos.



Benny (Guilherme Weber) é um personagem gay, que se droga com cocaína, vive em comportamento de risco, sua linguagem é ácida e se dedica perversamente a disseminar a discórdia, principalmente após ter descoberto que contraiu o vírus da AIDS; Léo - à custa de muitos esforços - vai mediar a convivência instável de Benny com os outros amigos. Neste núcleo habitam os travestis Cíntia (Odilon Esteves) e Brenda (Ricardo Monastero), tipos de personagens, que tendo sido frequentemente estigmatizados na mídia, são aqui representados respeitosamente, como pessoas que vivem da arte transformista, e - à sua maneira - se empenham numa vida honesta, dentro dos limites éticos da convivialidade. Todos são feras feridas em trânsito nos labirintos das selvas urbanas, terreno dos afetos violentos, num contexto marcado pelos abismos socioeconômicos, a violência urbana, as formas difíceis de sociabilidade.

Projetam-se na trama igualmente as experiências afetivas e sensuais da “terceira idade”: os veteranos (Juca de Oliveira e Fernanda Montenegro) namoram (mesmo ela sendo viúva e ele casado) e experimentam um estilo de vida mais livre, indicando uma forma de politização da conduta e a elevação da auto-estima de uma faixa etária normalmente representada de maneira triste, ressentida e solitária.

Ao mesmo tempo, a minissérie focaliza a complexidade das ligações amorosas entre os jovens dos anos 80 - cunhados poeticamente por Renato Russo, como a “geração coca-cola” - se iniciando na vida adulta e experimentando os primeiros contatos afetivos, livres da repressão sexual sofrida pelas gerações que os precederam; são jovens que vivenciam outros sonhos de felicidade e enfrentam novos desafios.

7. As luzes da ficção e as sombras da história

“As diferenças pessoais, políticas, editoriais, não podem ser maiores que os afetos; a vida é maior que isso, a vida é maior que a gente”.

(Fala de Leo para Pedro em cena da minissérie *Queridos Amigos*).

Dancing Days (Gilberto Braga) foi a primeira telenovela a se aproximar do tema da repressão política, exibindo na televisão a protagonista Júlia Matos (Sonia Braga), como prisioneira política, acusada de assalto à mão armada e envolvimento com grupos terroristas nos anos 70. Evidentemente, nessa narrativa realizada em 1978, o tema foi diluído num contexto turbulento e espetacular, quando o país mergulhava no ritmo frenético das discotecas. Mas, no que concerne especificamente à tortura,



“... na televisão, a revelação pública da tortura, no regime militar, foi feita pela primeira vez na telenovela *Roda de Fogo*, de Lauro César Muniz, por meio da personagem interpretada por Eva Vilma”. (Chaparro, 2005).

Em *Araponga* - minissérie de Dias Gomes (1990/91) - contemplamos a sátira de um agente policial da ditadura (Tarcísio Meira), que, de maneira ridícula, vive chupando o polegar e tem o hábito infantil de roer as unhas, fragilizado no colinho da mamãe. Em *Anos Rebeldes* (1992) a tortura é dissimulada e podemos ver ali somente os seus sintomas: a personagem de Cláudia Abreu mostra aos pais, discretamente, em casa, o que sofreu na própria pele. Em *JK* (2006) enxergamos as evidências da repressão militar, por meio das cenas das prisões, cassação dos direitos políticos, exílio e censura à imprensa. Enfim, há várias passagens nas telenovelas e minisséries, cujos autores buscaram expor as arbitrariedades do sistema repressivo, o que gerou um tipo de catarse, principalmente, junto aos que sofreram com a ditadura.

Quando miramos a cultura midiática audiovisual num sentido mais amplo, relembramos que o cinema nacional (e latino-americano), em grande parte difundido pela televisão, tem sedimentado os alicerces para uma semiologia crítica dos chamados anos de chumbo: *Matou a família e foi ao cinema*, *Pra frente Brasil*, *O que é isso companheiro?*, *Zuzu Angel*, *Condor*, *Vlado*, *Batismo de Sangue*, entre outros, são alguns dos filmes marcantes abordando esta fase triste da história.

Em *Queridos amigos* observamos que muitos dos personagens carregam consigo as marcas da repressão: o personagem Tito radicalizou a sua perspectiva ideológica e a personagem Bia sofre o trauma psicológico das torturas pelas quais passou, nas instalações policiais do DOI-CODI (em S. Paulo). Verificamos que cada um dos componentes da “família” encontra no apoio dos amigos as forças para esquecer o mal-estar, dissipar a dor e revigorar as estratégias de sobrevivência.

8. A política oficial e a politização do cotidiano

Em verdade, no Brasil, diferentemente de outros países latino-americanos, a passagem do sistema autoritário ao processo democrático foi conduzida de maneira sistematicamente controlada: relembramos da gestão do general Geisel, em que os militares não falavam em “abertura política”, mas “distensão, lenta e gradual”. Ao fim do regime, tivemos a derrota do movimento pelas eleições diretas e a morte do Presidente eleito, Tancredo Neves, levou ao Palácio do Planalto o seu vice, José Sarney, filiado ao partido da situação, portanto, em estreitas ligações com o regime dos



militares. Estes são alguns dados importantes para entendermos o imaginário político do país, marcado sistematicamente pela frustração da falta de um projeto social mais justo, pelo eterno adiamento das utopias políticas.

A minissérie acompanha este itinerário, passando pela anistia, retorno dos exilados, o movimento das diretas, as primeiras eleições para governador em 1982 e a disputa eleitoral em 1984, entre Lula e Collor. Ou seja, mostra uma representação ficcional enredada nos fatos históricos, despertando a consciência do público principalmente pela apresentação dos atos falhos, os ardis, as faltas e o inacontecido da história; mas fundamentalmente o seu caráter é mais intimista, mostrando os rumos tomados pelos personagens que formam uma espécie de família. Ou seja, as lentes da ficção miram os seres humanos na contraluz de um processo histórico que lhe escapa, mas que persistem na batalha, principalmente quando encontram apoio no afeto e na solidariedade de outros indivíduos.

São desvelados os modos como constroem os seus caminhos, os seus percursos ideológicos e sentimentais, numa sociedade que vai se tornando mais complexa, em que a busca pela liberdade vai constantemente esbarrar nas dificuldades materiais e afetivas, nos problemas do mundo da casa e da rua, das relações sociais e inter-pessoais.

Fazendo um esforço para entender os fluxos e refluxos que atravessam a formação do imaginário e a ambiência sociopolítica nos anos 80/90, fundamentais para deciframos o estado da ética na sociedade contemporânea, encontramos autores, cujas leituras sinalizam diferentes olhares sobre as causas de a experiência atual ser esvaziada de uma práxis social e discursiva mais consciente e politizada: dever-se-ia ao efeito da “espetacularização da política”, como sugere Guy Debord, em suas teses sobre a “sociedade do espetáculo” (1997). E, por um outro prisma, seria um efeito gerado pelas mídias, enquanto vetores da produção técnica e ideológica das “simulações e simulacros”, conforme aponta Baudrillard [1981], mostrando a vida social engolida midiaticamente pelas redes e telas que - ao seu ver - desnaturalizaram o mundo real.

Para atualizarmos um olhar mais apurado sobre a equação do individual e o coletivo, um exercício estimulante, é uma leitura comparada entre duas obras distintas mas bastante pertinentes nesta direção: *A sombra das maiorias silenciosas, o fim do social e o surgimento das massas* (Baudrillard, 1995 [1985]) e *O tempo das tribos, o declínio do individualismo na sociedade contemporânea* (Maffesoli, 1987).

Num outro registro, Edgar Morin (1986), explorando a complexidade do século XX, aponta para a necessidade da adoção de novos paradigmas para entendermos o



estado das novas conjunções e disjunções psicológicas, sociais, econômicas, políticas, históricas e culturais, que exigem novos agenciamentos individuais e coletivos.

Para Maffesoli (2005), a metáfora da “transfiguração do político” traduz o novo contexto e os redirecionamentos dos grupelhos pós-68, cujos estilos de afetividade e “socialidade” indicam um novo estado de “tribalização do mundo”, com tudo o que isto contém de afirmativo e regressivo.

Neste sentido, é pertinente consultar a obra de Zuenir Ventura, *1968, o ano que não acabou* (1988), que inspirou grande parte da minissérie *Anos Rebeldes* (1992); mais recentemente, Ventura empenhou-se em atualizar o seu “acerto de contas”, fazendo um novo relato da geração 68, no livro subsequente, *1968, o que fizemos de nós* (2008).

Ao analisarmos um produto de comunicação - simultaneamente objeto de arte e objeto tecnológico - o desafio que se coloca consiste em detectarmos a inserção estratégica de dispositivos críticos, no próprio interior dos processos midiáticos, e é assim que podemos entender a pertinência das tramas discursivas tecidas no contexto de uma minissérie como *Queridos Amigos*. A proposta da autora é exitosa na medida em que desvela as dimensões subjetivas dos personagens, as contradições e complexidades, esperanças e decepções de uma geração que passou por momentos difíceis, assim como mostra a atualização de suas vivências, num outro contexto político, no período da redemocratização. Aqui se revelam outras formas de poder, de controle e igualmente outras estratégias de negociação, novas descobertas e novos desafios. Perfazem-se outras modalidades de produção dos discursos políticos e outros agenciamentos afetivos, individuais e coletivos, que deslocam o foco do debate sobre política para além do Estado, dos partidos e das instituições tradicionais.

Tem-se assim uma “política da vida cotidiana”, a busca da construção de uma nova relação com os outros indivíduos e isso exige a adoção de uma nova ética, novas táticas de sobrevivência norteadas por uma razão sensível que possa problematizar a chamada “condição pós-moderna”. A minissérie alerta para o cuidado de si, também na aquisição de novos procedimentos éticos, uma “estilística da existência”, como diz Foucault (1984), que possa ajudar a transcender o desequilíbrio das relações de poder, subverter “a lógica da dominação”, uma estratégia ético-política eficaz para enfrentar o “mal-estar da pós-modernidade”, como sugere Bauman (1998).

9. Para concluir



A questão que se impõe não é perceber se a ficção da teledramaturgia permite conhecermos a realidade histórica, social e política. Já existe um consenso epistemológico e institucional - formalizado pela pesquisa rigorosa em vários países – de que a teledramaturgia, além de disseminar informação estética, promove modalidades de conhecimento.

Convém levar a sério a minissérie *Queridos Amigos*, assimilando aquilo que esta nos oferece em termos de uma reflexão que, tradicionalmente, tem sido objeto da filosofia, história, sociologia e ciência política; logo a minissérie leva a pensar.

Se a teledramaturgia brasileira têm ocupado um lugar privilegiado no mercado internacional dos audiovisuais, a minissérie *Queridos Amigos* serve como janela para o mundo conhecer uma versão da revolução cultural de 68, pelas lentes dos trópicos, na parte sul do continente americano. Os flashes da história do Brasil recente, através das redes de comunicação, irradiam-se nos espaços e tempos globais, revigorando a memória coletiva e atualizando a experiência cultural no novo contexto planetário.

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, J. *À Sombra das Maiorias Silenciosas*. O fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Brasiliense, 1994 [1985]; __ *Simulacros e Simulação* (Pereira, M.J.C., Trad.). Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Zahar, 1998; __ *Modernidade Líquida*. Zahar, 2001.

BALOGH, A. *Conjunções, disjunções, transmutações*. Da literatura ao cinema e à tv. S. Paulo: Annablume, 2005. 2ª ed.

CHAPARRO, C. “Telenovela na Berlinda: América, o novo Destino”. In: JBCC – Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação. Ano 7, N. 268 - São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil –março de 2005.

http://www2.metodista.br/unesco/jbcc/jbcc_mensal/jbcc268/polemicas_telenovelas.htm

acesso 21.04.08

COSTA, J. F. *Narcisismo em tempos sombrios*. In; Site Ciência e Educação.

http://www.jurandircosta.hpg.ig.br/ciencia_e_educacao/9/artigos/narcisismo.html

acesso 28/04/2004

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Ed. Contraponto, 1997.

FECHINE, Y. Televisão e experimentalismo. O núcleo Guel Arraes como paradigma. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003.

http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP07_fechine.pdf

acesso 28.04.2008

GUATTARI, F. *Revolução Molecular. Pulsões políticas do desejo*. Brasiliense, 1987.



- GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica. Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio: Graal, 1979; ___ *História da Sexualidade*. Vol. 3, O cuidado de si. Rio: Graal, 1984.
- HOCQUENGHEM & SCHÉRER. *L'âme atomique*. Paris: PUF, 1986.
- LASCH, C. *Cultura do narcisismo*. Rio: Graal, 1983.
- LOBO, N. *Ficção e Política - O Brasil nas minisséries*. Manaus: Ed. VALER, 2002.
- LOPES, M.I.V; VILCHES, L. (coords.); [Cid Knipel, tradutor]. *Mercados globais, histórias nacionais: Anuário Orbitel 2008*. São Paulo; Ed.Globo, 2008.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*. Forense Universitária, 1987; ___ *Transfiguração do político, tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MALCHER, M.A; VIDAL, M.C.B; MOTTER, M.L. Cidade dos Homens e Turma do Gueto: oportunidades de inovações a partir das brechas. In: BOCC – Biblioteca on line de Ciências da Comunicação. Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2005.
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/malcher-maria-vidal-marly-motter-maria-cidade-dos-homens-e-turma-do-gueto.pdf> acesso em 20.06.2008
- MONTAIGNE. M. *Ensaíos*. In: Os Pensadores. Abril Cultural, 1980.
- MORIN, E. Appel d'Edgar Morin pour les biens communs. Site de Vídeo Daily Motion.
http://www.dailymotion.com/relevance/search/Edgar%2BMorin/video/x5fc3a_appel-dedgar-morin-pour-les-biens-c_webcam Filmado em 14.05.2008, acesso 06/06/2008
- MORIN, E. *Para sair do século XX*. Ed. Nova Fronteira, 1986.
- MUNIZ SODRÉ. *Máquina de Narciso*. Televisão, indivíduo e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- NIETZSCHE, F. “O crepúsculo dos ídolos”. In: *Nietzsche, Obras incompletas*. S. Paulo: Abril Cultural, 1983. Col. Os Pensadores.
- PAIVA, C.C. Epifanias do sublime, do trágico e do maravilhoso na minissérie *Hoje é dia de Maria*. In. BOCC. Biblioteca on line de Ciências da Comunicação. Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2005.
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/paiva-claudio-epifania-do-sublime.pdf> acesso em 15.06.2008
- QUERIDOS AMIGOS. Site de vídeos YouTube. Primeiro capítulo acesso em 27.05.2008
<http://www.youtube.com/watch?v=KqMbkZon0Ss>
- QUERIDOS AMIGOS. Site da Rede Globo acesso em 18.06.2008
<http://queridosamigos.globo.com/Series/Queridosamigos/Capitulos/0.,10300,00.html>
- QUERIDOS AMIGOS: Iraci encontra com o Torturador de Bia. Site de vídeos YouTube
<http://www.orkut.com.br/FavoriteVideoView.aspx?uid=13274467288904432276&ad=1210674190> acesso em 18.06.2008
- RIBEIRO, R.J. *O afeto autoritário*. Belo Horizonte: Ateliê Editorial, 2005.



VENTURA, Z. *1968, o ano que não terminou*. S. Paulo: Editora Planeta, 2008. 3ª ed; ___ *1968, o que fizemos de nós*. S. Paulo: Editora Planeta, 2008.

XAVIER, N. Sinopse de minissérie *Queridos Amigos*. In: Site *Teledramaturgia*
<http://www.teledramaturgia.com.br/> acesso em 27.07.2008